

# PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLJA GREY

Director - Ricardo Severo  
Redactor em chefe - Rocha Peixoto  
Secretario - Fonseca Cardoso



## SUMMARIO

## MEMORIAS

		PAGS.
Ricardo Severo	— O THEOURO DE LEBUÇÃO (com 5 gravuras e 2 estampas) (I e II) . . . . .	1- 14
José Fortes	— AS FIBULAS DO NOROESTE DA PENINSULA (com 38 gravuras) . . . . .	15- 33
Rocha Peixoto	— ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA: ILLUMINAÇÃO POPULAR (com 36 gravuras) . . . . .	35- 48
Luiz de Magalhães	— OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO (com 9 gravuras e 1 est. chromolithographica) . . . . .	49- 62

## VARIA

## NOTAS E COMMUNICAÇÕES

Ricardo Severo	— Os braceletes d'ouro de Arnozella (com 12 gravuras e 1 est. phototypica) . . . . .	63- 71
—	— Os torques de Almoester (com 1 gravura) . . . . .	72- 74
Rocha Peixoto	— Sobrevieencia da primitiva roda de oleiro em Portugal (com 5 gravuras) . . . . .	74- 78
—	— Prisoões de gado (com 3 gravuras) . . . . .	78- 79
Mello de Mattos	— As chaminés alentejanas (com 13 gravuras) . . . . .	79- 84
José Pinho	— Ethnographia amarantina: A caça (com 40 gravuras) . . . . .	84-100
Carlos Alves	— Ethnographia mirandesa: O casamento em Terra de Miranda . . . . .	100-102
Pedro A. d'Azevedo	— Os tremedores em Portugal no seculo XVI. . . . .	103-107
Tavares Teixeira	— Folk-lore transmontano . . . . .	107-108
Pedro Fernandes Thomaz	— Folk-lore beirão . . . . .	108

## NOTICIAS

Novas descobertas de ourivesaria proto-historica, por Ricardo Severo (com 1 gravura) . . . . .	109-110
Theouro de Viatodos — Da idade do bronze, por José Fortes (com 1 gravura) . . . . .	110-111
O cemiterio romano do Monte do Penouço (Rio Tinto), por Ricardo Severo (com 6 gravuras) . . . . .	111-113
Restos de uma villa lusitano-romana (Povoia de Varzim), por J. F. . . . .	113
Les dolmens de Villa-Pouca-d'Aguiar — Traz-os-Montes (Questions d'authenticité), por Ricardo Severo. . . . .	113-117
Museu municipal «Azúga» (Concelho de Gaya), por José Fortes (com 1 gravura) . . . . .	117-119
O Museu municipal de Bragança, por R. P. . . . .	120
Museus episcopaes, por R. P. . . . .	120-122
Excavações archeologicas, por R. P. . . . .	122-123

## NOTICIAS EPIGRAPHICAS

Analecta epigraphica, por José Fortes (com 7 gravuras) . . . . .	124-126
Tres inscripções funerarias inéditas do cemiterio romano do Monte do Penouço (Rio Tinto), por Ricardo Severo (com 3 gravuras) . . . . .	126-127
Inscripções brigantinas, por A. Pereira Lopo (com 2 gravuras) . . . . .	127

## OS MORTOS

Pereira Caldas, por Manuel Monteiro (com 1 retrato) . . . . .	128
---	-----

## BIBLIOGRAPHIA

## LIVROS E OPUSCULOS

PIERRE PARIS, <i>Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive</i> — por Ricardo Severo . . . . .	129-133
F. TAVARES PROENÇA, <i>Antiquidades</i> — por José Fortes . . . . .	133
ANTONIO FRANCISCO BARATA, <i>Catalogo do Museu archeologico da cidade de Evora</i> — por R. P. . . . .	133
JOSÉ CALDAS, <i>Historia d'un fogo-morto</i> — por R. P. . . . .	134-135
ALEX. FLÉRUS, <i>L'outillage agricole en Portugal</i> — por R. P. . . . .	135
J. LEITE DE VASCONCELLOS, <i>Ensaio ethnographicos</i> — por R. P. . . . .	135-136
F. ADOLPHO CORELHO, <i>Geographia historica e ethnographia de Hespanha e Portugal</i> — por R. P. . . . .	136

COLLABORADORES ARTISTICOS D'ESTE FASCICULO: Abel Cardoso, A. A. Gonçalves, D. Clotilde da Rocha Peixoto, F. Gil, Hugo de Noronha, Igo de Pinho, J. Aroso, José Fortes, José Pinho, M. Soá, Ricardo Severo, Silva Rocha, etc.

CLICHÉS DE: D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães, Ricardo Severo, Rocha Peixoto, etc.

# PORTUGALIA

---

TOMO SEGUNDO—FASCICULOS 1 A 4

---

1905-1908





# PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLY GRAY

TOMO II — FASCICULOS 1 A 4

Director — Ricardo Severo  
Redactor em chefe — Rocha Peixoto  
Secretarios | Fonseca Cardoso  
                  | José Fortes





ou romaine. Et aujourd'hui même, cette vague opinion persiste encore sur cette extrémité de l'Europe, petit îlot caché sous les hautes Pyrénées, terre lointaine au coin du monde, adossée au Nord africain!

Le livre de M. P. Paris est un acte de confirmation de nos vieux parchemins; pour nous autres c'est un motif d'orgueil et une incitation au progrès de notre science archéologique. C'est un pas de plus, un pas solide, pour l'avancement de la théorie occidentale de l'origine des civilisations européennes; la Péninsule ibérique doit avoir été en vérité un des plus importants et peut-être le plus ancien théâtre de cette primitive civilisation occidentale.

A M. PIERRE PARIS s'adressent donc les vœux et les salutations enthousiastes de tous les Ibériens.

RICARDO SEVERO.

**F. Tavares Proença** — ANTIGUIDADES. I. *Resultado de explorações feitas nos arredores de Castello Branco em setembro e outubro de 1903*, 8.º, 24 pags., um mappa e duas estampas. França Amado ed. Coimbra, 1903.

Sob a epigraphe de *Antiguidades* iniciou o A. em 1903 uma serie de opusculos, de que apenas se acha publicado um numero com o sub-titulo indicado. O proseguimento da serie trará ulteriormente, crêmo-lo, uma apreciavel contribuição para a vasta obra em que poucos infelizmente andamos empenhados; a da reconstituição do Passado pelo emprego dos methodos racionais e precisos que manejarão com brilho, entre outros, os grandes mestres Carlos Ribeiro e Martins Sarmiento.

Mas, em verdade, os elementos colligidos pelo novo collaborador não podem dar ainda para um trecho importante do nosso atrasado edificio archeologico. E' que elle se limitou a relatar succintamente meras informações locais, e simples reconhecimentos em pontos diversos de uma area das proximidades de Castello Branco, bem demarcada em mappa illustrativo, onde afirma ter descoberto vestigios de uma povoação romana, cujo nome lhe é por ora desconhecido. As sondagens exhumaram substrucções de velhos edificios, pedaços de columnas graniticas, *tégulas* e *imbrices* em numero, mós manuaes, uma *lagarica* em rocha viva, pesos de tear, restos de uma ceramica variada, etc. Comtudo este material é apenas summariamente inventariado, de par com o diário das excavações, sem minucias descriptivas, como em catalogo compendioso de museu. Certamente á mingua de estudo mais profundo, extenso e ordenado sobre a jazida da velha povoação, também faltam neste primario trabalho os aspectos geraes, a parte reconstitutiva, as constatações de informação fecunda. A tempo virá porém tudo isto, não esmorecendo o A. na proveitosa empresa iniciada. Vê-se de resto que para ella lhe não mingüam aptidões, esclarecidas e desenvolvidas já por uma literatura escolhida.

JOSÉ FORTES.

**Antonio Francisco Barata** — CATALOGO DO MUSEU ARCHEOLOGICO DA CIDADE DE EVORA, 8.º, 94 pags. Lisboa, Imp. Nac., 1903.

A magnifica instituição que á sua historia tem ligados os nomes de Manuel do Cenaculo, Cunha Rivara, Filipe Simões e Gabriel Pereira — não contando André de Rezende, o mais remoto, com a sua iniciativa, o seu ardor e a sua fraude — encontrou agora, no conhecido e estimavel antiquario sr. Antonio Francisco Barata, quem denunciasses, aos que nunca visitaram o Museu de Evora, a importancia e valor das suas colleções. São 247 verbas enumerando a serie epigraphica representada por numerosas inscrições em gothico quadrado e monachal, em arabe, em hebraico e em romano, fragmentos de estatuaria, de mosaico e de ceramica romanas, detalhes architectonicos como capiteis, janellas, arcos, ogivas e linteis, sepulturas, cruzeiros, baptisterios, retabulos sacros de massa ou jaspe, imagens, azulejos, mobiliario de velha siderurgia portuguesa, medalhões e armorial.

Varias referencias dispersas tornaram conhecidas algumas das peças mencionadas, incluindo as apocryphas, que Hübner desvenda, e cuja burla geralmente se attribue a Rezende. O sr. Barata não esquece as allusões respectivas, descreve com maior ou menor amplitude cada especimen de per si e encerra o seu trabalho com um indice dos nomes portuguezes enunciados, das inscrições e dos brasões de armas. E se bem que n'uma introdução historica e elucidativa consigne a ausencia de alguns elementos para realisar perfeito o seu catalogo, affigura-se-nos emtanto que, a não ser a manifesta lacuna das illustrações, o empreendimento logrou um exito discreto. Apenas é para lastimar o tumulto em que as verbas estão dispostas, certamente por ordem de inventario, defeito esse que se poderia ter corrigido com um resumo systematico, precedendo ou seguindo o catalogo descriptivo e com elle jogando por numeros e paginas. O indice só, além de incompleto, é sobremodo escasso.

Embora deslocada é interessante, por pouco vulgar, a verba 124. Trata-se d'uma forma de ossos artificiaes em terra-cotta, que foi dos carmelitas de Evora — frades emeritos no fabrico de reliquias de qualquer santo ou santa! Com outras formas, appareceu nos forros do mosteiro, porventura lá escondidas pelos religiosos ao terem de abandonar o convento. Mas não só o Museu de Evora conserva esse pittoresco despojo do mystico ludibrio: mais outras, algumas ainda com os ossos artificiaes, são hoje pertença, a titulo de curiosidade, do sr. visconde da Esperança!

R. P.



**José Caldas**—HISTORIA D'UM FOGO-MORTO (*Subsidios para uma historia nacional*)—1258-1848. *Vianna do Castello (Fastos politicos e militares)*, 8.º, LXXVIII-563 pags., 1 innum. e 1 planta. Lello & Irmão eds. Porto, 1904.

Não ha duvida que este livro produziu a impressão d'um libello elaborado por um pamphletario. «No estylo quer-se moderação», proclamava uma entidade qualquer ao combinar-se um passo de indecorosa cobardia moral. E o sr. José Caldas, annotando esse deploravel episodio, antecipava-se aos seus detractores exhibindo as palavras que outros haviam de tomar para lh'as arremessarem singellas ou com injurias. Mas o publicista insigne, que é uma das mais rutilas glorias das lettras contemporaneas, ainda se anteceden á critica que naturalmente o esperava em muitas considerações esparsas pelos tres primeiros capitulos do seu livro magistral. A historia é uma resenha biographica de reis, inçada de lendas do paço, de infimas adulações, de fábulas pueris, alternando-se os monarchas que vencem batalhas com os frades que fazem milagres. Não ha uma historia do povo portuguez pela deficiencia de depoimentos caracteristicamente impessoaes. E se d'esta passamos ás memorias de terras deparam-se-nos apenas tratados apologeticos visando a lisongear o amor proprio dos nativos, com falsidades ao deante reproduzidas por identicos historiographos inscientes e burlões.

Ora estes commentarios ainda teem a mesma rasão e igual effeito para a geral compostura da sisedez contemporanea. E' assim que se foi creado na Historia, é assim que se quer a Historia. Destruir a illusão, escancarar a trama d'um organismo social envilecido, patentear implicitamente a abjeção da propria estirpe é que ninguem supportará de bom grado, por habito, por hypocrisia e convenção. Prove-se, entre outras fabulas respeitadas e solidas, que nunca tivemos uma casta aristocratica e pulverise-se a lenda da nobresa goda e das incontaveis exertias na heraldica asturica e leoneza. Tomará a metade da população do paiz que n'ella pretende enlaçar, e os linhagistas, e os historiadores, e os romancistas, e o professorado, e o bom senso e o proprio equilibrio social na sua representação mais ponderosa e respeitavel sobre o envergamento audaz e delirado.

O sr. José Caldas, fazendo a historia de Vianna n'uma intenção do seu prestimo como alicerce para uma verdadeira historia patria, quando outras se conceberem e realisarem estruturalmente edificadas com subsidios baseados em analogas fontes, esboçou uma Historia nacional. Em mais do que em um passo ella seria extensiva a outras terras do reino, com transferencia de nomes apenas, permuta de homens e ligeiras alterações de pormenor. Ora isto doe, por um sentimento inconfessado ás vezes, inconsciente muitas. Não esventremos a pustula, não destruámos este arranjo. E' grata a chimera. Desfaze-la é rebeldia ao concerto estatuido. A Historia vae muito bem como é feita nas gazetas de domingo: tudo muito nobre, celtas e carthaginezes, godos e sarracenos, as ensinadellas a Castella, a dilatação da fé, o facho da civilização até ás paragens distantes, monumentos como só em Portugal, estylos da casa, seculos remotissimos, burlas, necedades e asneiras. Contrariar isto é desmorronar, revolucionar, atraiçoar: o livro de José Caldas, pois, breve teria de ser qualificado com desdem como outro brado jacobino do auctor.

E entretanto o singello e lucido relator da *Archéologie préhistorique dans la province de Minho*, (Lisbonne, 1882), o eruditissimo commentador do *Corpus Codicum* (Porto, 1891), que só com esta sua tarefa entra na ala que começa em João Pedro Ribeiro, passa fulgidamente em Herculano e remata agora em Alberto Sampaio e Gama Barros, este homem de talentos multiformes, jornalista entre os mais altos da peninsula, elegiaco e ternissimo poeta d'*Os humildes* e justo e intenso demolidor d'*Os jesuitas*, fez, sobre Vianna do Castello, historia e simplesmente historia.

Verdade é que o commento que os factos lhe despertam não se enquadra na linguagem conspicua e redundante, ou enlanguescente e viscosa, ou florida e repenicada e antes severamente se exprime sarcastica, vibrante, comminatoria. Mas esses factos é que induzem o juiz á vehemencia. Assim Vianna depois de patrioticamente evidenciar o seu ardor pela causa do prior do Crato, decide-se após Alcantara a ficar com Castella e tão inteiramente como jámais se houvesse destacadado da corôa de Leão. Então a nobresa do reino, com o duque de Bragança á frente, recebe o hespanhol de joelhos logo sollicitando dinheiro, graças ou mercês!

Ainda á ameaça da entrada dos francezes o pavor invade a terra e a camara apressa-se em nomear uma deputação que faça a entrega da villa. E' este o episodio em que se assenta que, para o estylo, se quer moderação. Mas mal retira a tropa inimiga breve o senado se reúne para justo desaggravo de todos!

A entrada de Beresford, o libertador, inicia o sentimento anglo-latrico cuja expressão mais accentuadamente grotesca é essa festa promovida por um padre volteiro, o abbade de Lobrigos: symbolos, allegorias, coroação de retratos por femeas vestidas de nymphas, torneios do estro local, um pagode, enfim, que origina uma das ironias de mais lucilante acuidade e que ficará lapidar na litteratura portuguesa.

Mais tarde Vianna, ardentemente, com solemnidades e luminarias, celebrará a constituição de 20; pouco depois estará já com D. Miguel, repetindo as festas, vibrando satyras aos constitucionaes, redigindo libellos e pasquins; e adeante, entregue a villa a Napier com a adhesão geral, determinará que se rasguem e tranquem todos os registros publicos que se refiram a D. Miguel! Recentemente, por occasião da Patuleia, Vianna adere ao movimento popular; mas, se sahe Antas e entra Casal, a cidade segue a um e a outro!

Ora é a multiplicidade d'estes factos que determina o sr. José Caldas a considerar a nobresa vendida, o povo desmoralizado e a consciencia publica adormecida, explicando — palavras d'elle — por imbecilidade publica, estupidez contagiosa, anarchia mental, fluctuação dos espiritos, patriotismo interino, incapacidade civica, baixesa moral e cobardia collectiva, todo esse fragmento de historia nacional.



O que muitos dizem mas dissimuladamente o escrevem, patenteou-o o sr. José Caldas sem ambages nem diversões formaes. Comparando a attitude do publico e gazetas por occasião do *ultimatum* de 90 e agora, 15 annos volvidos, ante a visita dos monarchas inglezes, não seria elle quem diria euphemisticamente que o povo se evidenciou bom e ingenuo e a imprensa versatil: o idioma tem um glossario mais estrictamente justo, punidor e clamoroso. Assim procedendo para factos anteriores, a obra admiravel do admiravel publicista certamente não seria grata a um publico que, comprasendo-se na hypocrisia, não abdica, nem pôde, da sua subserviente e irreductivel natureza de escravo.

R. P.

**Alex. Flébus**—L'OUTILLAGE AGRICOLE EN PORTUGAL, in *Bulletin et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Bruxelles*, tom. XX, 22 pags. e 1 pl. Bruxelles, 1902.

O magnifico estudo do insigne ethnologista sr. Adolpho Coelho, inserto no primeiro tomo d'esta revista e referente á alfaia agricola popular portuguesa exhibida em Lisboa n'um dos certamens commemorativos da descoberta da Índia, promoveu uma communicacão do sr. Alex. Flébus, presente em sessão de 26 de janeiro de 1902 da Sociedade de Anthropologia de Bruxellas. O folk-lorista belga resume, approximadamente pela mesma ordem, a monographia do nosso illustre collaborador, reproduzindo em parte os seus commentarios eruditos e accrescentando poucos de busca propria. N'uma pagina final agrupa, como esclarecimento subsidiario, as illustrações esparsas na monographia portuguesa.

A memoria exhibe-se-nos com a levesa e impertinencia com que, em regra, os estrangeiros se occupam de assumptos nossos. Affirma primeiro que o mobiliario descripto pôde dar uma ideia bastante exacta do que é a alfaia agricola em Portugal, quando em verdade o auctor portuguez se acinge ao que lhe foi dado observar procedente das cercanias de Bragança e d'outra limitada região alentejana. Depois consigna que o sr. Adolpho Coelho nem sempre tirou todo o partido possivel do que tinha á mão e remata afinal com as mesmas conclusões obtidas ou immediatamente deprehensíveis da monographia do notavel ethnologista portuguez!

R. P.

**J. Leite de Vasconcellos**—ENSAIOS ETHNOGRAPHICOS, 8.º, I, 374 pags.; II, VI-390 pags. Silva Vieira ed. Espozende, 1891-6 e 1903.

É muito acertado este titulo. Effectivamente o auctor reedita algumas das suas primicias folkloricas e inicia um esboço historico ácerca das tradições populares portuguesas. Os artigos agora reproduzidos, e primitivamente insertos em jornaes e revistas, tem sobretudo interesse para se avaliar a distancia que vae do plunitivo bisonho e servido ainda por um saber muito escasso até ao operoso investigador que é hoje o sr. Leite de Vasconcellos. Se a forma e o relêvo litterarios — que aliás o sr. José Leite desdenha — não se modificaram sensivelmente, quanto ganhou em bagagem o emerito redactor da *Revista Lusitana*, o auctor de tantos e tão copiosos subsidios dialectologicos, o collecter insaciado e insaciavel do Museu ethnologico de Lisboa!

Todavia, e já que o estudioso ethnologista, com tão louvavel e sympathico ardor, raro deixa de proclamar a sua inquebrantavel obediencia á verdade, seja-nos licito notar que a molestam algumas affirmacões agora reeditadas — não obstante o auctor «mondar ligeiramente, aqui e além, alguma imperfeição.» (I, 99), sequer em certos dos artigos reimpressos.

E' logo, a pag. 38 do tom. I, esta: «No Minho, a terra classica das nossas superstições e antigos costumes...» Com a auctoridade de que gosa surprehende-nos que localise no Minho o que pertence de direito a Traz-os-Montes e á Beira. O sr. Leite conhece a zona transmontana de leste, incluindo a Terra de Miranda, e decerto não lhe escaparam ás suas indagações as multiplas formas de superstição sem paralelo na região minhota. E quanto a antigos costumes, em Arga, em Castro Laboreiro, no Soajo, na Cabreira e no Gerez só vestigios apagados subsistem — quando perduram — do que é ainda vivaz no regimen pastoril e communalista d'algumas localidades do planalto barrosão e das faldas de Larouco.

Alludindo aos serranos (II, 187-8) parece que a impressão que o montanhez teria deixado no espirito do auctor de *Uma excursão ao Soajo* fôra muito superficial e de corrida. Precisamente o soajeiro — vá de exemplo — não é um isolado porque quasi todo o elemento varonil, em regra, emigra, para onde? Para Lisboa, cidade em que principalmente exerce a profissão de padeiro até reunir uns poucos haveres com que, n'um regresso que trata de não dilatar muito, arredonda glebas ou as desonera, oira a mulher e multiplica o gado e a rez. Combater com lobos é, em todas as serras do norte do paiz, historia que passou. E quanto a luctas pelas divisões dos terrenos maninhos, se esporadicamente algumas surgem, são casos pouco frequentes a contrapôr ao admiravel e harmonico concerto, nas reuniões dos povos serranos, que preside á proporcional distribuição das fachas no baldio, ou para centeio, ou para carvão, ou para pastos, ou para lenhas. Visite o erudito ethnologista, já que tanto impõe e exhibe as suas romagens, certas povoações d'uma e d'outra vertente do Marão, das Alturas e da chá de S. Vicente, veja Pitões, entre Barroso e o Gerez, percorra Germil, Ermida e Brufe, na Amarella, suba a Zebra, Espindo e mais além, na Cabreira, chegue até á Gralheira e verá que o serrano confinado nos seus mattos bravos e no isolamento do mundo é apenas uma candida phantasia do seu estro. D'ordinario e precisamente n'uma emigracão periodica — Douro, Beira, Alentejo, Setubal, Lisboa, Porto — é que o montanhez busca um supplemento á escassez dos seus recursos locais e pessoas.



Outro informe incompleto e deturpado, visivelmente fornecido ao auctor por pessoa sem criterio e desattenta, é o que allude ao casamento em terras de Barroso (II, 199) — variado, pittoresco, com ritual popular não exempto ainda dos vestigios da conquista da consorte e em todo o caso diverso das modalidades e aspectos que ainda reveste em certas localidades de Vimioso, de Miranda e da serra da Nogueira.

Uma inexactidão, porém, que grato seria vêr expungida d'uma obra subscripta por quem tanto rigor exige aos outros, é a que diz respeito aos pescadores poveiros — que quebram as vidraças das capellas quando os santos não «fazem» o que se lhes pede (II, 49). Realmente esta anedocta, calumniosa e pejorativa, corre vulgarmente no Porto e, em geral, no norte do paiz, á mistura com outros dislates de equiparavel solercia. O illustre homem de saber adoptou incautamente, sem exame e sem verificação, uma pilheria que se gestou entre outras de semelhante exacção e espirito a proposito d'uma classe interessante tanto pela sua heroicidade como pelo seu estreito fanatismo. A verdade, comtudo, é que nunca se verificou tal costume na Povoia de Varzim nem memoria ha, entre os mais velhos, d'um só caso isolado que chegasse até nós. Talvez por a ouvir muito repetida o infatigavel homem de sciencia lhe deu fóros de authentica — semelhantemente ao que aconteceu a D. Antonio da Costa em seu livro *No Minho*, assignalando a sobrevivencia dos «homens bons» no Soajo e o seu vestuario ainda talhado em pelles de bichos!

E' manifesto que estas e outras affirmações, que nos abtemos de commentar, derivam, em geral, da inadvertencia ou ligeireza com que certas pessoas fornecem subsidios aos estudiosos. Nenhum de nós se póde julgar liberto do percalço; e o douto auctor das *Tradições populares de Portugal* por bastas vezes terá averiguado com dôr como é declivosa a ladeira d'essas fontes... Bem.

A segunda parte de cada um dos dois volumes encerra os materiaes para a historia das nossas tradições populares. Aqui manifesta o sr. Vasconcellos a sua conhecida familiaridade com a litteratura nacional respectiva. Algumas lacunas são nada ante a copia da bibliographia exhibida e onde naturalmente occupam um lugar de realce as publicações do auctor. Verdade é que varias, inicialmente dispersas por gazetas e revistas, foram depois fundidas em trabalhos de maior tomo; outras são artigos minusculos que ninguem lograria descobrir por mais attenta que fosse a indagação e a busca; criticas, mesmo, aos seus trabalhos annota o auctor com a escrupulosissima meticulosidade de quem impede avara e anticipadamente o risco de serem ignoradas ou esquecidas. De resto o *Catalogo das obras de J. Leite de Vasconcellos*, organizado e distribuido pelo proprio, é já uma deliberação affinente ao mesmo objectivo.

Algumas das publicações dos outros, que o incansavel compilador registra, são acompanhadas de commentarios, em geral sem os encomios com que a generosidade nacional é abundosa e fertil — caso este de nosso particular agrado e pelo qual vivamente felicitamos o severo bibliophilo.

Emtanto não nos parece que essa impiedosa severidade de critica deva ir ao ponto de, alcançados por obsequio os manuscritos do archeologo Estacio da Veiga, se commentar, com agastamento e desdem, as suas faculdades de poeta lyrico! Como, por seu turno, não se agastaria e legitimamente o nosso amigo Leite de Vasconcellos se qualquer dos redactores d'esta revista n'ella commentasse, mesmo com bonhomia, as suas *Balladas*, as suas *Nuvens* e ainda outros ocios poeticos! A «boa intenção e sincero desejo de chegar á verdade» levaram o sr. José Leite a examinar minudenciosamente o romanceiro de Estacio, com as suas correções, emendas e rasuras e ainda a vêr os seus versos e critica-los, não obstante Estacio da Veiga haver escripto: «O auctor reprova a maioria d'estes seus primeiros versos reservando, porém, alguns para publicar depois de serem retocados!» (I, 266). E a seu tempo um intimo rebate de consciencia faz dizer ao sabio illustre (I, 278) que «não suppõe que deva ser accusado de menos respeitador dos manes de Estacio da Veiga ou de indiscreto...» Quanto a nós consideramos irreverente e desnecessario este apuro de analyse para a aquilatação da obra archeologica e folk-lorica do extincto investigador algarvio. Ponham aqui os olhos os estudiosos e tomem as suas precauções em vida!

Folgamos que a estes dois volumes, de vario ensinamento por tantos titulos, se sigam outros. A canceira do sr. José Leite de Vasconcellos, por verdadeiramente consideravel, até parece morbida. Effusivamente tributamos, pois, a mais calorosa e entusiastica homenagem ás suas qualidades de trabalhador.

R. P.

**F. Adolpho Coelho** — GEOGRAPHIA HISTORICA E ETHNOGRAPHIA DE HESPAÑA E PORTUGAL, 1891-96, 1897-98. In Vollmöller Kritischer Jahresbericht ueber die Fortschritte der *Romanischen Philologie*. Band V, Abtheilung III, pags. 33-49. Erlangen, 1893.

Cumpre-nos recommendar vivamente os magnificos subsidios bibliographicos para a geographia historica e ethnographia da peninsula que o eminente ethnologista portuguez elaborou, acompanhando-os de reflexões criticas onde o prestigioso renome do auctor avulta com as suas admiraveis faculdades de brilhante talento e a solidez do seu vastissimo saber. A este trabalho seguir-se-hão outros que assim completarão a bibliographia do que fundamentalmente importa conhecer em assumptos anthropologicos, archeologicos e ethnologicos peninsulares. Seria, pois, para desejar uma reedição em revista nacional de maior dispersão e accessibilidade.

R. P.